**O CASAMENTO SUSPEITOSO**

O CASAMENTO SUSPEITOSO, de Ariano Suassuna, ganha contornos gauchescos, através da adaptação do Grupo de Teatro da Unijuí, da cidade de Ijuí, RS, sob a direção de Alberto Rodrigues, já que o mesmo foi transposto do sertão nordestino, para as planícies solitárias do nosso pampa. O espetáculo foi apresentado dentro da programação do Cena Viva 2017, Festival de Teatro de Santa Rosa, RS.

A transposição de universo não prejudica, em absoluto, o espetáculo proposto. A história - onde um rapaz do campo vai casar com uma moça da cidade, que na verdade quer lhe aplicar o golpe do baú, levantando suspeitas de sua sogra, que tudo faz para impedir que tal casamento aconteça - é uma comédia de costumes universal, de contornos atemporais e ácida em sua crítica aos bons e maus costumes da nossa sociedade.

A cenografia é, talvez, o grande acerto do trabalho, ambientando a ação no interior da casa/galpão em blocos de papel machê, fazendo as contas de tramas de madeira, com efeito belo e surpreendente, totalmente confeccionado pelos integrantes do grupo. Ressalto, também, os figurinos do naipe masculino, muito bem resolvidos, com a utilização de elementos reais mesclados com outros, criados especificamente para atender a demanda da concepção da encenação, alegóricos, e dentro da medida, respeitando o limite, não extrapolando ao exagero e à caricatura exacerbada. O mesmo não acontece com o naipe feminino, que embarca no grotesco, com a utilização de bundas e seios postiços, e uma extravagância demasiada, no uso, principalmente das cores, embora a compreensível diferenciação entre os personagens locais e as 'mocinhas' da cidade, pistoleiras que tem por objetivo o golpe do baú citado, pra cima do galã da história. A mim parece que este artifício 'entrega a rapadura', como costuma-se dizer, pois fica muito óbvio que os visitantes da cidade não são flores a serem cheiradas. Todos os personagens portam perucas, também de papel machê, que, ao contrário da parede já comentada, destoa do contexto, por serem exageradamente desproporcionais e de um brilho muito gritante, dando aos personagens contornos alienígenas, como se tivessem cabeças enxertadas de um cíclope ou de uma medusa pampeana gigantescos. Se a ambientação fosse a original, no sertão nordestino, até poderíamos pensar serem estes mega-capacetes/perucas uma brincadeira com os irmãos nordestinos, conhecidos pelas dimensões avantajadas de suas cabeças, o que não é o caso, e que; mesmo que fosse, seria uma brincadeira deselegante e de mau-gosto para com os mesmos.

O espetáculo esbarra em momentos de evidente falta de ritmo. Creio haver para tal fato, no mínimo duas explicações plausíveis. Em primeiro lugar, penso ser quase que impossível, mesmo para grupos profissionais e experientes, dar conta do recado da verborragia e da dispersão características de Ariano Suassuna, que com sua hiper-dimensionada vaidade agreste, não tem limites/noção do tempo teatral. Há quem veja nisto, genialidade; para mim é pura e simplesmente, chatice (falo isso de boca cheia, como se diz, pois já fui Euricão de O Santo e a Porca, e padeci com a megalomania retórica de Ariano). Com esse entrave como ponto de partida, o grupo formado por alunos da Unijuí, praticamente todos dos cursos de Engenharia, até que consegue se sair bem. Percebe-se, em todos os envolvidos, uma satisfação muito grande por estar em cena. Ou seja: embora sejam beneficiados com meia-bolsa pela Universidade, pela participação no projeto de teatro, há entrega e dedicação ao trabalho, embora a desorganização espacial, com a conseqüente perda de foco, em muitas cenas, o que se delineia, enfim, mais como um problema a ser solucionado pela direção, do que pelos atores em si. Eles, os atores, conseguem provar que o teatro é acessível a todos: basta querer. Curioso, é ver o elenco, após a apresentação, durante o debate, absolutamente retraído, de volta à tradicional 'timidez' dos engenheiros, como se não fossem eles que há poucos minutos nos brindaram com algo, para eles, inusitado, resultado de seu esforço hercúleo. Entre atores e platéia, ninguém morreu, ninguém saiu ferido. Eu, frente a tal circunstância, me pego a pensar que, se durante meu tempo de estudante, a Reitoria da UFRGS criasse um grupo heterogêneo de alunos dos mais diversos cursos para desenvolver e concretizar um projeto de Engenharia Civil, mesmo com meia ou inteira bolsa, que risco a humanidade estaria correndo. Felizmente, nossa profissão possui essa generosidade, a de dividir, abarcar e abraçar profissionais outros em seu seio, permitindo que, indiretamente, eles aproveitem o que nós lhes proporcionamos para o seu crescimento e maturidade pessoais, independente dos resultados dos espetáculos por eles encenados. Ou infelizmente...

Antonio Carlos Brunet

Junho de 2017.